

VOL III

# Educação:

*Saberes em  
Movimento,  
Saberes que  
Movimentam*

*Teresa Margarida Loureiro Cardoso*

*(organizadora)*

 EDITORA  
ARTEMIS  
2023

VOL III

# Educação:

*Saberes em  
Movimento,  
Saberes que  
Movimentam*

*Teresa Margarida Loureiro Cardoso*

*(organizadora)*



EDITORIA  
ARTEMIS

2023



O conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons Atribuição-Não-Comercial NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0). Direitos para esta edição cedidos à Editora Artemis pelos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento, desde que sejam atribuídos créditos aos autores, e sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A responsabilidade pelo conteúdo dos artigos e seus dados, em sua forma, correção e confiabilidade é exclusiva dos autores. A Editora Artemis, em seu compromisso de manter e aperfeiçoar a qualidade e confiabilidade dos trabalhos que publica, conduz a avaliação cega pelos pares de todos manuscritos publicados, com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

<b>Editora Chefe</b>	Prof. <sup>a</sup> Dr. <sup>a</sup> Antonella Carvalho de Oliveira
<b>Editora Executiva</b>	M. <sup>a</sup> Viviane Carvalho Mocellin
<b>Direção de Arte</b>	M. <sup>a</sup> Bruna Bejarano
<b>Diagramação</b>	Elisangela Abreu
<b>Organizadora</b>	Prof. <sup>a</sup> Dr. <sup>a</sup> Teresa Margarida Loureiro Cardoso
<b>Imagem da Capa</b>	grgroup/123RF
<b>Bibliotecário</b>	Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

#### Conselho Editorial

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ada Esther Portero Ricol, *Universidad Tecnológica de La Habana “José Antonio Echeverría”*, Cuba  
Prof. Dr. Adalberto de Paula Paranhos, Universidade Federal de Uberlândia  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Amanda Ramalho de Freitas Brito, Universidade Federal da Paraíba  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ana Clara Monteverde, *Universidad de Buenos Aires*, Argentina  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ana Júlia Viamonte, Instituto Superior de Engenharia do Porto (ISEP), Portugal  
Prof. Dr. Ángel Mujica Sánchez, *Universidad Nacional del Altiplano*, Peru  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Angela Ester Mallmann Centenaro, Universidade do Estado de Mato Grosso  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Begoña Blandón González, *Universidad de Sevilla*, Espanha  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Carmen Pimentel, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Catarina Castro, Universidade Nova de Lisboa, Portugal  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Cirila Cervera Delgado, *Universidad de Guanajuato*, México  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Cláudia Neves, Universidade Aberta de Portugal  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Cláudia Padovesi Fonseca, Universidade de Brasília-DF  
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos, Universidade Federal da Grande Dourados  
Prof. Dr. David García-Martul, *Universidad Rey Juan Carlos de Madrid*, Espanha  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Deuzimar Costa Serra, Universidade Estadual do Maranhão  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Dina Maria Martins Ferreira, Universidade Estadual do Ceará  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Edith Luévano-Hipólito, *Universidad Autónoma de Nuevo León*, México  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Eduarda Maria Rocha Teles de Castro Coelho, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Portugal  
Prof. Dr. Eduardo Eugênio Spers, Universidade de São Paulo  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima, Brasil  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Elvira Laura Hernández Carballido, *Universidad Autónoma del Estado de Hidalgo*, México



Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Emilas Darlene Carmen Lebus, *Universidad Nacional del Nordeste/ Universidad Tecnológica Nacional, Argentina*  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Erla Mariela Morales Morgado, *Universidad de Salamanca, Espanha*  
Prof. Dr. Ernesto Cristina, *Universidad de la República, Uruguay*  
Prof. Dr. Ernesto Ramírez-Briones, *Universidad de Guadalajara, México*  
Prof. Dr. Gabriel Díaz Cobos, *Universitat de Barcelona, Espanha*  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Gabriela Gonçalves, Instituto Superior de Engenharia do Porto (ISEP), Portugal  
Prof. Dr. Geoffroy Roger Pointer Malpass, Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Brasil  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Gladys Esther Leoz, *Universidad Nacional de San Luis, Argentina*  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Glória Beatriz Álvarez, *Universidad de Buenos Aires, Argentina*  
Prof. Dr. Gonçalo Poeta Fernandes, Instituto Politécnico da Guarda, Portugal  
Prof. Dr. Gustavo Adolfo Juarez, *Universidad Nacional de Catamarca, Argentina*  
Prof. Dr. Håkan Karlsson, *University of Gothenburg, Suécia*  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Iara Lúcia Tescarollo Dias, Universidade São Francisco, Brasil  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Isabel del Rosario Chiyon Carrasco, *Universidad de Piura, Peru*  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Isabel Yohena, *Universidad de Buenos Aires, Argentina*  
Prof. Dr. Ivan Amaro, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil  
Prof. Dr. Iván Ramon Sánchez Soto, *Universidad del Bío-Bío, Chile*  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ivânia Maria Carneiro Vieira, Universidade Federal do Amazonas, Brasil  
Prof. Me. Javier Antonio Alborno, *University of Miami and Miami Dade College, Estados Unidos*  
Prof. Dr. Jesús Montero Martínez, *Universidad de Castilla - La Mancha, Espanha*  
Prof. Dr. João Manuel Pereira Ramalho Serrano, Universidade de Évora, Portugal  
Prof. Dr. Joaquim Júlio Almeida Júnior, UniFIMES - Centro Universitário de Mineiros, Brasil  
Prof. Dr. Jorge Ernesto Bartolucci, *Universidad Nacional Autónoma de México, México*  
Prof. Dr. José Cortez Godinez, Universidad Autónoma de Baja California, México  
Prof. Dr. Juan Carlos Cancino Diaz, Instituto Politécnico Nacional, México  
Prof. Dr. Juan Carlos Mosquera Feijoo, *Universidad Politécnica de Madrid, Espanha*  
Prof. Dr. Juan Diego Parra Valencia, *Instituto Tecnológico Metropolitano de Medellín, Colômbia*  
Prof. Dr. Juan Manuel Sánchez-Yáñez, *Universidad Michoacana de San Nicolás de Hidalgo, México*  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Brasil  
Prof. Dr. Leinig Antonio Perazolli, Universidade Estadual Paulista (UNESP), Brasil  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Livia do Carmo, Universidade Federal de Goiás, Brasil  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Luciane Spanhol Bordignon, Universidade de Passo Fundo, Brasil  
Prof. Dr. Luis Fernando González Beltrán, *Universidad Nacional Autónoma de México, México*  
Prof. Dr. Luis Vicente Amador Muñoz, *Universidad Pablo de Olavide, Espanha*  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Macarena Esteban Ibáñez, *Universidad Pablo de Olavide, Espanha*  
Prof. Dr. Manuel Ramiro Rodríguez, *Universidad Santiago de Compostela, Espanha*  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Márcia de Souza Luz Freitas, Universidade Federal de Itajubá, Brasil  
Prof. Dr. Marcos Augusto de Lima Nobre, Universidade Estadual Paulista (UNESP), Brasil  
Prof. Dr. Marcos Vinicius Meiado, Universidade Federal de Sergipe, Brasil  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Mar Garrido Román, *Universidad de Granada, Espanha*  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Margarida Márcia Fernandes Lima, Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Aparecida José de Oliveira, Universidade Federal da Bahia, Brasil  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Carmen Pastor, *Universitat Jaume I, Espanha*  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria do Céu Caetano, Universidade Nova de Lisboa, Portugal  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria do Socorro Saraiva Pinheiro, Universidade Federal do Maranhão, Brasil  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Lúcia Pato, Instituto Politécnico de Viseu, Portugal



Prof.ª Dr.ª Maritza González Moreno, *Universidad Tecnológica de La Habana*, Cuba  
Prof.ª Dr.ª Mauriceia Silva de Paula Vieira, Universidade Federal de Lavras, Brasil  
Prof.ª Dr.ª Ninfa María Rosas-García, Centro de Biotecnología Genómica-Instituto Politécnico Nacional, México  
Prof.ª Dr.ª Odara Horta Boscolo, Universidade Federal Fluminense, Brasil  
Prof. Dr. Osbaldo Turpo-Gebera, *Universidad Nacional de San Agustín de Arequipa*, Peru  
Prof.ª Dr.ª Patrícia Vasconcelos Almeida, Universidade Federal de Lavras, Brasil  
Prof.ª Dr.ª Paula Arcoverde Cavalcanti, Universidade do Estado da Bahia, Brasil  
Prof. Dr. Rodrigo Marques de Almeida Guerra, Universidade Federal do Pará, Brasil  
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares, Universidade Federal do Piauí, Brasil  
Prof. Dr. Sergio Bitencourt Araújo Barros, Universidade Federal do Piauí, Brasil  
Prof. Dr. Sérgio Luiz do Amaral Moretti, Universidade Federal de Uberlândia, Brasil  
Prof.ª Dr.ª Silvia Inés del Valle Navarro, *Universidad Nacional de Catamarca*, Argentina  
Prof.ª Dr.ª Solange Kazumi Sakata, Instituto de Pesquisas Energéticas e Nucleares. Universidade de São Paulo (USP), Brasil  
Prof.ª Dr.ª Stanislava Kashtanova, *Saint Petersburg State University*, Russia  
Prof.ª Dr.ª Teresa Cardoso, Universidade Aberta de Portugal  
Prof.ª Dr.ª Teresa Monteiro Seixas, Universidade do Porto, Portugal  
Prof. Dr. Valter Machado da Fonseca, Universidade Federal de Viçosa, Brasil  
Prof.ª Dr.ª Vanessa Bordin Viera, Universidade Federal de Campina Grande, Brasil  
Prof.ª Dr.ª Vera Lúcia Vasilévski dos Santos Araújo, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Brasil  
Prof. Dr. Wilson Noé Garcés Aguilar, *Corporación Universitaria Autónoma del Cauca*, Colômbia  
Prof. Dr. Xosé Somoza Medina, *Universidad de León*, Espanha

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

E24 Educação [livro eletrônico] : saberes em movimento, saberes que movimentam III / Organizadora Teresa Margarida Loureiro Cardoso. – Curitiba, PR: Artemis, 2023.

Formato: PDF  
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader  
Modo de acesso: World Wide Web  
Inclui bibliografia  
Edição bilingue  
ISBN 978-65-87396-77-4  
DOI 10.37572/EdArt\_280223774

1. Educação. 2. Prática de ensino. 3. Professores – Formação.  
I. Cardoso, Teresa Margarida Loureiro.

CDD 370.71

**Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422**



## APRESENTAÇÃO

O terceiro volume da *Educação: Saberes em Movimento, Saberes que Movimentam*, publicado pela Editora Artemis, convoca a inovação enquanto denominador comum. Uma inovação em torno de diversos cenários digitais, que hoje, mais do que nunca, populam os nossos quotidianos, em diferentes níveis de ensino. Mas também uma inovação em torno de competências de literacia ditas básicas, tradicionais, como a leitura e a escrita, todas inerentes ao direito universal à educação e à aprendizagem ao longo da vida, desígnios que a UNESCO nos estimula a concretizar, dia após dia.

Celebrar o dia internacional da educação, assinalado precisamente há um mês, é ir ao encontro desta inovação – curricular, pedagógica, tecnológica – que permita contribuir para atender às necessidades dos nossos alunos, estudantes, professores, formandos, enfim, numa palavra, dos educadores em todo o mundo. Uma inovação contextualizada, holística e transformadora, que permita contribuir para assegurar, aos indivíduos e aos coletivos, o desempenho consciente de um papel ativo, crítico e interventivo na sociedade.

Nos *Saberes em Movimento, Saberes que Movimentam* aqui reunidos, há ainda espaço e tempo para recordar que a *Educação* mudou significativamente, em alguns pontos do globo, mais do que noutros, durante a COVID-19. Esta pandemia, a par de outras situações atuais de grande adversidade, continua a provocar mudanças com impacte no nosso presente e futuro. Importa, pois, (re)imaginar direções positivas para a educação<sup>1</sup>; importa, portanto, (re)imaginar os nossos futuros em conjunto<sup>2</sup>. E que os Saberes plasmados nestes capítulos possam ser o ponto de partida para (re)iniciar esta conversa, tão essencial quanto vital<sup>3</sup>!

Teresa Cardoso

---

<sup>1</sup> cf. <https://portal.uab.pt/investigacao/projetos/rapide-reimagining-a-positive-direction-for-education/> Acesso em: 25 fev. 2023.

<sup>2</sup> cf. <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000381115> Acesso em: 25 fev. 2023.

<sup>3</sup> cf. <https://www.guninetwork.org/publication/unesco-futures-education-report-reimagining-our-futures-together-new-social-contract> Acesso em: 25 fev. 2023.

## SUMÁRIO

### **CAPÍTULO 1..... 1**

METODOLOGÍAS ÁGILES PARA LA INNOVACIÓN EDUCATIVA EN LA FORMACIÓN INTEGRAL DE LOS ESTUDIANTES: UNA REVISIÓN PARA LATINOAMÉRICA

Hernán Ocampo Moreno

 [https://doi.org/10.37572/EdArt\\_2802237741](https://doi.org/10.37572/EdArt_2802237741)

### **CAPÍTULO 2..... 16**

INNOVATION IN READING SPANISH

Irene Rejón Santiago

 [https://doi.org/10.37572/EdArt\\_2802237742](https://doi.org/10.37572/EdArt_2802237742)

### **CAPÍTULO 3..... 29**

O PAPEL DO PROFESSOR DE TECNOLOGIA E INOVAÇÃO (PROATEC) NA CONTRIBUIÇÃO DA CULTURA DIGITAL E AS INTER-RELAÇÕES COM A AGENDA 2030

João Lucas Piubeli Doro

Danielli Santos da Silva

Carita Pelicão

Francine Amaral Piubeli

 [https://doi.org/10.37572/EdArt\\_2802237743](https://doi.org/10.37572/EdArt_2802237743)

### **CAPÍTULO 4..... 43**

O PROGRAMA WEIWE(R)BE NO ECOSISTEMA DA ESCOLA DIGITAL E VIRTUAL

Teresa Margarida Loureiro Cardoso

Maria Filomena Pestana Martins Silva Coelho

Ana Carolina Ferreira da Cruz

Eduarda Maria da Silva Ribeiro Mota

 [https://doi.org/10.37572/EdArt\\_2802237744](https://doi.org/10.37572/EdArt_2802237744)

### **CAPÍTULO 5..... 56**

JUEGOS DE ESCAPE (ESCAPE GAMES), PUENTES PARA LA IMPLEMENTACIÓN DE MODELOS HÍBRIDOS DE ENSEÑANZA (B-LEARNING)

Trilce Fabiola Ovilla Bueno

 [https://doi.org/10.37572/EdArt\\_2802237745](https://doi.org/10.37572/EdArt_2802237745)

**CAPÍTULO 6..... 66**

MATERIALES DIDÁCTICOS CON SOPORTE VIRTUAL. HACIA LA VIRTUALIZACIÓN DE CONTENIDOS

Patricia Alejandra Có

Mónica del Sastre

Viviana D´Agostini

Florencia Rodil

 [https://doi.org/10.37572/EdArt\\_2802237746](https://doi.org/10.37572/EdArt_2802237746)

**CAPÍTULO 7 .....76**

ADAPTACIÓN AL APRENDIZAJE DIGITAL EN ESTUDIANTES DE LA UAC DURANTE LA PANDEMIA

María Alejandra Sarmiento Bojórquez

Juan Fernando Casanova Rosado

Mayté Cadena González

 [https://doi.org/10.37572/EdArt\\_2802237747](https://doi.org/10.37572/EdArt_2802237747)

**CAPÍTULO 8.....87**

UNA EXPERIENCIA DE APRENDIZAJE PARA FORTALECER EL PROCESO DE AUTOEVALUACIÓN

Verónica Prieto Cordero

 [https://doi.org/10.37572/EdArt\\_2802237748](https://doi.org/10.37572/EdArt_2802237748)

**CAPÍTULO 9..... 99**

CONTINGENCIA SANITARIA POR COVID-19 Y REZAGO EDUCATIVO DE LOS ALUMNOS DE PSICOLOGÍA DE LA FCH-UABC

Rey David Román Gálvez

 [https://doi.org/10.37572/EdArt\\_2802237749](https://doi.org/10.37572/EdArt_2802237749)

**CAPÍTULO 10..... 109**

DOING MULTICULTURAL EDUCATION IN TIMES OF TROUBLE: A CASE OF PBL IN BILINGUAL ARAB-JEWISH SCHOOL IN ISRAEL

Raz Shpeizer

Orit Freiberg

 [https://doi.org/10.37572/EdArt\\_28022377410](https://doi.org/10.37572/EdArt_28022377410)

<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>120</b>
CONSTRUCTION OF ARITHMETIC-ALGEBRAIC THINKING IN A SOCIO-CULTURAL INSTRUCTIONAL APPROACH	
Fernando Hitt	
 <a href="https://doi.org/10.37572/EdArt_28022377411">https://doi.org/10.37572/EdArt_28022377411</a>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>138</b>
A INTERDISCIPLINARIDADE COMO UMA ESTRATÉGIA ATRAENTE NO ENSINO DE MATEMÁTICA	
Alireza Mohebi Ashtiani	
Jorge Matheus Fernandes de Camargo	
 <a href="https://doi.org/10.37572/EdArt_28022377412">https://doi.org/10.37572/EdArt_28022377412</a>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>149</b>
A CULTURA DO ESCRITO: DA LAJE DO SAPATO AO RIO DO SUTURNO, UMA DISCUSSÃO MULTICULTURAL	
Edilma Cotrim da Silva	
Edil Silva Costa	
 <a href="https://doi.org/10.37572/EdArt_28022377413">https://doi.org/10.37572/EdArt_28022377413</a>	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>162</b>
NARRATIVAS DOCENTES: LOS SENTIDOS EN LA RECONFIGURACIÓN DE LA ENSEÑANZA DE LA ESCRITURA	
José Antonio Sánchez Sánchez	
 <a href="https://doi.org/10.37572/EdArt_28022377414">https://doi.org/10.37572/EdArt_28022377414</a>	
<b>SOBRE A ORGANIZADORA</b> .....	<b>167</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO</b> .....	<b>168</b>

# CAPÍTULO 13

## A CULTURA DO ESCRITO: DA LAJE DO SAPATO AO RIO DO SUTURNO, UMA DISCUSSÃO MULTICULTURAL<sup>1</sup>

Data de submissão: 12/01/2023

Data de aceite: 30/01/2023

**Edilma Cotrim da Silva**

Universidade do Estado da Bahia

<http://lattes.cnpq.br/0022798664370349>

**Edil Silva Costa**

Universidade do Estado da Bahia

<http://lattes.cnpq.br/1693226899388697>

**RESUMO:** O estudo apresentado busca ampliar a discussão sobre a fala e a escrita, tendo como destaque os processos de ambiguidade gerados entre estudiosos da linguística frente aos modos de participação nas culturas do escrito em comunidades que não dominam a escrita. Essas pessoas possuem diferentes experiências de escolarização, estabelecidas na tradição oral e se envolvem em práticas mediadas pela escrita. Pretende assim, deslindar como esses indivíduos, famílias e grupos sociais, em regiões com escassas produções de circulação de material escrito, participam nas culturas do escrito. Serão analisados os funcionamentos da oralidade, os modos de usar a escrita, os usos que esses indivíduos passaram a fazer da escrita, a relação entre

oralidade e escrita e suas implicações nas práticas sociais e na constituição e manutenção de suas identidades. Para o estudo, será desenvolvida uma pesquisa utilizando narrativas, mediadas por rodas de conversas, através de uma escuta sensível, tomando como base bibliográfica os estudos de Saussure, Fiorim, Derrida, Gnerre, Calvet, Straus, Rosseau e Galvão, entre outros.

**PALAVRAS-CHAVE:** Fala. Escrita. Gurungueiros. Cultura do escrito.

**THE CULTURE OF WRITING: FROM LAJE DO SAPATO TO RIO DO SUTURNO, A MULTICULTURAL DISCUSSION**

**ABSTRACT:** The present study seeks to broaden the discussion about speech and writing, highlighting the ambiguity processes generated among linguistic scholars in relation to the modes of participation in the cultures of writing in communities that do not master writing skills. These people have different schooling experiences, established in the oral tradition, and engage in practices mediated by writing. Thus, the study intends to unravel how these individuals, families and social groups, in regions with scarce circulation of written material, participate in the cultures of writing. The functioning of orality will be analyzed, the ways of using writing, the uses that these individuals started to make of writing, the relationship between orality and writing and its implications in social practices and in the constitution and maintenance

<sup>1</sup> Publicado no *Livro de resumo do Seminário de Pesquisa do DLLARTES 2022.1* — *Fábrica de Letras*.

of their identities. For the study, research was developed using narratives mediated by conversation circles, through sensitive listening, taking as a bibliographic base the studies of Saussure, Fiorim, Derrida, Gnerre, Calvet, Straus, Rosseau and Galvão, among others.

**KEYWORDS:** Speech. Writing. *Gurungueiros*. Written culture.

## 1 INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta um estudo que alia duas comunidades, opostas geograficamente, junto a moradores sem escolarização e que lidam com a cultura do escrito. Ao considerar as peculiaridades dessas dissonâncias, embora não saibam ler, preservam conhecimentos adquiridos através da escrita, oralizados por outros, e valem-se da capacidade da memória para lidar com um mundo dominado pela escrita. O estudo utiliza como instrumento narrativas mediadas por rodas de conversas, através de uma escuta sensível, sugerida por René Barbier, relacionando-a com o princípio de dialogicidade em Paulo Freire. A questão que norteia o trabalho é: como promover a compreensão coletiva da cultura do escrito, na direção dos papéis que ela ocupa em suas vidas. Quais as contradições anunciadas e denunciadas? Os resultados do trabalho indicam que a escuta sensível e o diálogo facilitam a participação dos sujeitos como colaboradores na interpretação do papel da cultura do escrito nos seus contextos de vida.

Mesmo que não sejamos exclusivamente uma sociedade baseada na cultura escrita e embora tenha perdurado no Brasil uma forte tradição oral, resultante do persistente alto índice de analfabetismo – estimado em 82,3% da população no primeiro censo oficial realizado em 1872 e ainda parte do cenário nacional no ano 2000, registrando a marca de 16,7%<sup>1</sup> –, já foi extensivamente demonstrado pelos estudos historiográficos o papel crucial exercido pela escrita, seja ela manuscrita ou impressa, no processo de construção do Brasil. Ademais, sua produção, assim como o seu posterior arquivamento possibilitaram aos historiadores do século XX expandir suas indagações acerca de diversos objetos, acompanhando de perto a produção historiográfica mundial, principalmente a partir dos anos 1970, quando se iniciou a expansão dos programas de pós-graduação no país.

Partindo do princípio instaurado por Saussure, que a linguística leva em conta, que a língua é um sistema que conhece e aponta a sua própria ordem, que é uma forma, e não uma substância e que a língua é considerada em si mesma e por si mesma. O que nos conduz aqui é buscar o que transcende essa ordem rumo a compreensão da linguagem como meio de compreender a sociedade humana, trazendo contextos psicossociais, culturais e seus diversos sistemas de comunicações que levam os seres humanos a continuar suas itinerâncias geográficas.

Derrida (2014) traz uma assertiva na contraposição ao afirmar que a língua é, desde logo, contaminada por aquilo que ela não é, seu exterior, ao qual se relaciona inelutavelmente. Neste embate teórico fica evidente que o estruturalismo linguístico contribui para um conjunto hermenêutico de estudos, mas não favorece a construção de uma teia epistemológica que oportuniza, que um campo de relações em que o todo se explique pelas partes e que essas partes venham a se unir com o todo.

Diante da imensidão do universo seria ambíguo acreditar que a realidade é única, e que fatos podem ser generalizados. A desconstrução desses pontos de vistas estáticos é o objetivo central deste estudo, pois não tem como aceitar rupturas aonde a teoria pode ir além. Não há como conceber conceitos que não sejam contrapostos a outros conceitos.

Para a compreensão da fala e da escrita é necessário entender que, no campo da linguagem, a dobra sociocultural ganha força e determina outras possibilidades, ecoando assim no que diz Bakhtin (1995), que a linguística se apresenta aos locutores no contexto de enunciações precisas, o que implica sempre um contexto ideológico preciso. Na realidade, não são palavras o que pronunciamos ou escutamos, mas verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis. A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico vivencial.

Estudar a linguagem pressupõe acompanhar a evolução da humanidade. Busca aqui, fazer uma interseção entre o estudado no (CLG) Curso de Linguística Geral, Saussure: a invenção da linguística bem como outras obras envolvendo linguística, língua, escrita e fala no intuito de fazer conexões com o objeto proposto no tema de pesquisa de doutoramento: Gurungueiros da Bahia e os modos de participar nas culturas do escrito.

Impulsionada por vivências onde a oralidade prepondera ao escrito fui envolvida pelos apontamentos de Saussure. Ao adentrar nas discussões deste linguista a pergunta que inquietava era, qual o papel da escrita dentro desta ciência?

O CLG nos traz uma estruturação da linguagem e nos propõe uma compreensão geral da linguística enquanto ciência, e na sistematização do todo, temos a separação da linguagem em níveis de fala como a fonologia, diferenciando o significado das palavras e a morfologia, onde se organiza a montagem das palavras. Envolvendo essas etapas encontramos a síntese obedecendo a uma semântica sincrônica e diacrônica. A estilística se ocupa da arrumação textual na sua essencialidade.

Estudar a cultura do escrito numa comunidade ágrafa e peculiar vai exigir olhares e escutas de seus modos de vidas, para tanto requer compreender, exatamente, a utilização da comunicação em amplos sentidos. Neste recorte Saussure será chamado no âmbito da semiologia para entender os signos que compõe estes lócus. A linguagem

humana é composta pelos seus signos na união do sentir com a imagem acústica, dando significantes e significados estabelecendo as dicotomias que ocorrem também com a língua e a fala. A clareza dessa dicotomia é absoluta, pois língua é social é um acordo em um coletivo, já a fala é individual.

Observando que Laje do sapato<sup>2</sup> aboliu todas as instituições convencionais, exceto a língua. Saussure demarca aqui a sua ciência. Se alguém quer adentrar, estudar ou investigar aquele espaço, torna-se necessário o diálogo com o mestre.

Narrativas, mediadas por rodas de conversas, através de uma escuta sensível. A linearidade é imperativa e arbitrária, pois o pensamento funciona assim, e é imprescindível essa estruturação, para uma compreensão do falante. Recorrer a paradigmas é o que possibilita as variações sintagmáticas. De acordo com Saussure, no meu banco de dados de palavras pode me facilitar uma compreensão dessa língua viva, que vai ganhando contornos em cada canto, que é posta em prática nos cotidianos variados.

O princípio do valor guiará a compreensões da língua que é conhecida, mas, que ao agregar a fala torna-se confusa e até difusa, deixando a imaginar que é outra língua desconhecida.

Não há como refutar Saussure, é necessário revisité-lo, mesmo que adotando outro ponto de vista, para compreensão das múltiplas falas, que compõem a linguagem e por sua vez a língua proferida. Retomando assim o que diz (FIORIN,2019) é mister reconhecer as línguas como um produto do espírito humano e, como uma obra permanente, contínua, das sociedades pelo trabalho de renovação da analogia, reconhecida na sua legitimidade e universalidade.

Retomando ao objetivo deste trabalho cabe voltar para a importância deste estudo Saussureano, para um grupo comunitário primário sendo a cultura do escrito o objeto a ser estudado. No percurso dos estudos percebi que a escrita não é o elemento central, embora culturalmente é o grande destaque, em valor, para a modernidade. Imbricada entre língua e escrita busco aqui destacar as implicações do estudo do autor no objeto proposto para meu estudo.

## 2 LÍNGUA E ESCRITA SISTEMAS DISTINTOS?

Em busca de achar um caminho no Curso de Linguística Geral, em toda a sua especificidade, que a construção textual em pauta se encaminhará, buscando nas lacunas destoantes desses espaços posicionar a cultura da escrita nas considerações achadas no CGL.

<sup>2</sup> Comunidade localizada à 30 Km da cidade de Guanambi, predominante negra e analfabeta – lócus do estudo Gurungueiros da Bahia e os modos de participar nas culturas do escrito.

Ampliando a compreensão e constituição da linguística como ciência, existe uma desconsideração como elemento de destaque para a escrita, levantada pelo linguista no (CLG, 2006) ao apontar que língua e escrita são dois esquemas diferentes de signos, a escrita tem, apenas, a função de espelhar a língua, o objeto linguístico não se define pela conciliação do vocábulo escrito e do falado; este último por si só constitui tal objeto.

Pensar sobre a língua e a escrita, um fato não podemos esquecer: Todos falam e alguns escrevem. Temos em torno de cinco mil línguas faladas no mundo, menos de 10% tem uma escrita própria ou uma literatura (BAGNO 2009). Falamos muito, e o que ganha muita importância é a escrita.

A cultura do escrito demarca posições sociais e categoriza importâncias entre os que a dominam, a ponto de confundirmos educação e cidadania com escolarização. Neste viés produzimos exclusões sociais e dominações de uma classe social sobre outras.

Ao adentrar nos estudos linguísticos, é possível perceber que há uma separação nesta importância da escrita, ficando clara que a escrita preenche espaços desenhados de formas opostas na órbita da linguística: em determinados espaços foi considerada como elemento interno, em outros, completamente externa aos estudos desta ciência.

Os estudos apontados na história linguística, tem como elemento fundamental centrado nas análises de documentos escritos, sendo assim e, por conseguinte, a escrita como obrigatória para sua própria existência ela era um elemento do interior. Quando separada da investigação em decorrência dos estudos dos dialetos, a escrita ficou externa à pesquisa.

Nos estudos do linguista é possível perceber uma descrença do formato escrito, inquietação equivalente a todos os neogramáticos e que se ampara pelo seu anseio de evitar uma mistura de ideias, que se torna danoso aos primeiros comparatistas entre escrita e fala respaldado por PAVEL, (1990). É perceptível que o momento não era oportuno à escrita.

A pretensão da linguística é ser ciência da palavra falada. Arisca-se a dizer que há existência de um ponto em comum que a cientificidade da linguística se deve ao seu fundamento fonológico: quanto à fonologia, é possível afirmar que, comumente, anuncia sua cientificidade à linguística que serve, ela mesma, de modelo de conhecimento para todas as ciências humanas, apontado por DERRIDA (1973).

Coube, nesta circunstância, o papel da fonologia desobrigar a linguística da palavra escrita (CLG,2006). Saussure destaca o caráter superficial desta, uma vez que ao não a dominar, o pensamento pode escapar.

É recorrente a crítica sobre a superioridade dada para a escrita, pois esta gera inseguranças sociais e produz exclusões no mundo todo. No CLG (Curso de Linguística

Geral destaca a necessidade de estudar a escrita para conhecer sua serventia, suas vacâncias e os inconvenientes gerados pelo papel de espelho a que a língua é submetida constantemente.

Diante do exposto fica claro que há um papel para a escrita e este é de ser um desenho de algo vivo, portanto, é coadjuvante num processo que não é sua centralidade. É explicitado o pensamento de Saussure em subtrair a escrita da imersão linguística, deixando-a próxima somente da função de ser uma fotografia da fala. Essa tarefa lhe rendeu críticas e indícios de flertar com a imparcialidade científica. O objetivo mais evidente é que a busca era revelar o quanto a língua não depende da escrita, ainda preservando em relação com o vocábulo falado.

SAUSSURE (2006) vai dizer que língua escrita são sistemas distintos; sendo que o segundo tem o papel de representar o primeiro; portanto o objetivo da linguística não determina pela concordância da palavra grafada com a pronunciada, a falada por si só, estabelece o objeto. Mas a palavra escrita se funde com a oralizada, e se torna espelho e subtrai o seu papel preponderante. O resultado é que a importância fica na representação do signo falado e não no próprio signo. Conclui que: “ para conhecer uma pessoa melhor fosse contemplar-lhe A fotografia do que o rosto.

Há aqui um processo de ruptura que requer atenção, há um equívoco, tanto a oralidade como a escrita tem papéis fundamentais, são duas maneiras das pessoas organizarem seus discursos e praticarem suas interações no dia a dia sem que uma seja mais importante do que a outra. Cada qual tem seu lugar. São práticas discursivas que não devem concorrer ou competir com a outra, são complementares e são utilizadas amplamente no cotidiano.

Ao trazer uma comunidade ágrafa para essa discussão é tentador aceitar essa separação entre a fala e a escrita, pois amparada no que diz Rousseau em *Ensaio sobre a origem das línguas* já apontava os efeitos negativos da escrita sobre a fala, afirmando que as línguas foram feitas para serem faladas, e a escrita é apenas a representação da fala.

O ser humano existe há cerca de mais de um milhão de ano e sempre falou, a escrita existe à cerca de cinco mil anos, ou seja, a escrita é muito recente em todas as suas diversas formas de se manifestar. Para uma comunidade ágrafa a oralidade tem muita importância, mas a escrita é quem define suas vidas e os impõem às condições que lhes causam desconforto e angústias. A escrita vem de fora, está fora deles é um afastamento físico, quanto à fala tem um caráter de envolvimento maior e de proximidade maior.

Pelos estudos dos gramáticos a fala desaparece e primordialmente a palavra ganha o protagonismo, a rigidez das regras, dos símbolos de pontuação ou acentuação

são destaques mais para serem vistos do que ouvidos. Neste sentido Saussure chama a atenção ao se referir sobre as armadilhas da escrita a que os linguistas sucumbem.

No momento em que grupos ágrafos tomam contato com a escrita, surgem, simultaneamente, novas formas de poder a ela atrelados. Essa foi a reflexão de Lévi-Strauss. Essa, talvez foi a primeira vez que foi apontado a relação da escrita com o poder decorrente de seu domínio.

Em visitas à comunidade de indígenas ele notou que ao entrarem em contato com a escrita Lévi-Strauss considerou que:

Seu símbolo fora imitado, ao passo que sua realidade continuava a ser desconhecida. E isso, com vistas a uma finalidade mais sociológica do que intelectual. Não se tratava de conhecer, reter ou compreender, mas de aumentar o prestígio e a autoridade de um indivíduo – ou de uma função – às custas de outrem (p.281).

Esses estudiosos repercutem ecos assemelhados sobre os malefícios da escrita, mas não podemos refutar a escrita como algo descontextualizado, é necessário pensar que tanto a fala como a escrita vem de contextos. A situacionalidade da expressão não pode ser confundida com contexto. Gestos, sinais e outras expressões ficam fora da escrita.

A oralidade tem uma união de elementos simbólicos que não são passados para a escrita. A representação gráfica se difere da representação fônica, então a escrita não é um espelho da fala. A escrita é um espelho da língua.

Neste processo da linguística, eleger a ausência da escrita como elemento de compreensão da língua, esta se constitui a escrita para as *trevas da linguagem*, conforme diz Derrida. Diante do que foi dito, é fácil concluir, aligeiramente, não haver lugar para a escrita na linguística implantada por Saussure. Neste interregno de pensamento cabe desconfiar que o CLG traz marcas de indecisões e dúvidas expressas pelo próprio linguista.

Vejo-me diante de um dilema: ou expor o assunto em toda a sua complexidade e confessar todas as minhas dúvidas, o que não pode convir para um curso que deve ser matéria de exame, ou fazer algo simplificado, melhor adaptado a um auditório de estudantes... Mas a cada passo me vejo retido por escrúpulos (SAUSSURE, 2006, p. 16- 18).

Levando em conta a diversidade da construção do CLG é possível inferir que não temos, verdadeiramente, uma posição clara sobre a escrita no pensamento do linguista mesmo ao dizer que a escrita não deve surgir como garantia, como prova da existência da língua. Pelo contrário, a escrita pode ser pensada como um sistema linguístico comparável à língua em sua organização e funcionamento, e que serve a ela como um meio de expressão. Como já vimos anteriormente, segundo Saussure, a língua é um sistema de signos que exprimem ideias, e é análogo, por causa disso, à escrita. E comparar não

significa igualar, e sim tomar um sistema como base para entender o funcionamento de outro sistema.

A semiologia que vai para além da fala afirma que a escrita teria um lugar ao lado de outros sistemas semiológicos, pois, “todo meio de expressão aceito numa sociedade repousa em princípio num hábito coletivo ou, o que vem a dar na mesma, na convenção” (CLG, p.82). Por fim, é possível dizer que a escrita já estava, sim, contida no próprio *Curso*, por estradas sinuosas, é certo, mas sempre houve uma passagem e um espaço para a escrita em uma reflexão marcada por exclusões e dicotomias.

### 3 A QUEM SERVE A ESCRITA?

Pensar na cultura do escrito em uma comunidade ágrafa forçosamente somos conduzidos para conceitos de alfabetizados e analfabetos. A exclusão e a ambiguidade saltam aos olhos no confronto dos dois conceitos.

Analfabeto é também termo de utilização corrente e de universal compreensão entre nós: segundo o Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa, analfabeto é aquele que não sabe ler e escrever. É significativo que nos sejam tão familiar o termo alfabetização, que designa a ação de alfabetizar, de ensinar a ler e a escrever, e nos sejam tão pouco familiar o termo alfabetismo, designando o estado ou condição que assume aquele que aprende a ler e escrever.

É ainda significativo que consideremos o termo alfabetizado, isto é, aquele que aprendeu a ler e a escrever, como o contrário do termo analfabeto, e que não tenhamos palavra para designar aquele que vive em estado de alfabetismo. Tal como a leitura, também a escrita, na sua dimensão individual, é um conjunto de habilidades.

Para caracterizar um coletivo como ágrafo, diante do estabelecido socialmente, torna-se banal, Sem nenhum esforço, ao andarmos entre os nossos pares e observarmos o que ocorre no cotidiano, sempre salta aos olhos pessoas com dificuldade para ler uma receita médica, uma bula de remédio, pagamentos de boletos, lidar com saques de auxílios governamentais, escriturações de imóveis, documentações de aposentadorias, ou garantias de benefícios fundamentais, todos elencados precisam do domínio da escrita.

Dominar a leitura e a escrita são exigências sem as quais não permitem o direito de o cidadão exercitar sua cidadania. É obvio que essa condição exclui uma fatia da sociedade que vive diuturnamente atropelado pela ausência desse domínio, que torna imperativo na sua condição de viver numa organização social estruturada em torno da escrita.

Dimensionado de forma clara é destacado que “A começar do nível mais elementar de relações com o poder, a linguagem constitui o arame farpado mais poderoso para bloquear o acesso ao poder” (GNERRE, 1985, p. 16).

Forma-se, portanto um poder estabelecido pela linguística, muito evidente e fácil de comprovar, só em 1985, no Brasil, as pessoas que não tinham o domínio da leitura e da escrita puderam votar nos seus representantes. Confirmando isso CALVET (2007) diz: essas podem ser entendidas como a “determinação das grandes decisões referentes às relações entre as línguas e a sociedade” (CALVET, 2007, p. 11).

O que destaca aqui, uma vez que o objeto de estudo são os ágrafos, em nenhum momento essa tessitura teórica se torna fechada, mas sim, é ímpar que haja debates, embates e questionamentos. Não é possível adotarmos uma via única de comunicação sem levar em conta àqueles que ficam à margem dessa organização de poder, frente à escrita e também do exercício político, que exclui os que estão fora do sistema gráfico.

Uma explicação muito pertinente é encontrada em CALVET (2011), a escrita nasceu de uma necessidade de poder, seja religioso ou feudal. Assim, percebemos que, desde o início, a escrita esteve relacionada a poder, sendo que, de acordo com o mesmo autor, ela foi “inicialmente propriedade das classes que estavam no poder” (CALVET, 2011, p. 122). Isso porque, de acordo com ele, “o poder não é resultado do conhecimento do alfabeto, mas das condições políticas e sociais” (CALVET, 2011, p. 135).

Acompanhamos, no Brasil, grandes movimentos para alfabetização, principalmente de adultos, destaco aqui, MOBREAL (Movimento Brasileiro para Alfabetização), EJA (Educação de Jovens e Adultos) e TOPA (Todos pela Alfabetização). Ao buscar a missão desses projetos o termo acesso à cultura está entre todos, a denúncia do imperativo da cultura do escrito é evidente. De acordo com CALVET (2011), o surgimento de campanhas de alfabetização é baseado no “generoso” princípio segundo o qual toda pessoa tem direito à cultura. Mas a cultura oral não seria também uma forma de cultura?

O chamamento que merece destaque é que esse embate não passa pela diminuição da busca do letramento de uma população, mas requer o cuidado com a interiorização de um povo evitando rótulos e preconceitos. Neste embate de contraditórios é preciso desvendar as teias dessas interações sociais atentando para o que CALVET (2011) nos diz: a escrita, “na ideologia dominante, serviu às vezes de fundamento para rebaixar o outro” (CALVET, 2011, p. 123-124).

Diante do exposto cabe pensar como percebemos, sentimos e interagimos com a população ágrafa e ao elaborarmos programas e/ou ações públicas para eles, cabe lembrar que em consonância com CALVET (2011), “De fato, se a língua tem um papel não secundário nas relações de força e se a posse da escrita é historicamente uma das formas do poder, todo o problema é saber como aqueles que não têm escrita podem adquiri-la e utilizá-la” (CALVET, 2011, p. 131).

Não podemos cair em uma falsa ilusão e debates superficiais que nos leve a pensar que, a simples garantia das condições para que todos leiam e escrevam vai assegurar direitos que assegurem cidadania igualitária junto aos demais. Outras fendas são abertas nas malhas do poder e das políticas, pois as regras são sempre mudadas. Construimos utopias e vivemos diatopicamente na maioria do tempo.

Não existe, no entanto, uma cultura da escrita oposta à cultura oral, mas há uma diversidade de culturas do escrito que varia em função da situação e do contexto, no qual os sujeitos exercem um papel ativo na relação que estabelecem com o mundo da escrita (GALVÃO, 2007).

HARVEY GRAFF (1990, p. 41-42) afirma:

Considere as frases comuns: alfabetizado e analfabeto; escrito e oral; impresso e manuscrito, e assim por diante. Nenhum desses opostos polares descreve de forma útil as circunstâncias atuais; todos eles, na verdade, obstaculizam a compreensão contextual.

Ao longo das quatro últimas décadas do século XX as relações entre oralidade e escrita foram abordadas de diferentes formas. Em uma perspectiva histórica, Havelock (1995) discute a emergência de estudos sobre as relações entre oralidade e escrita a partir da década de 1960. Com esses estudos, os pesquisadores tentavam compreender a cultura oral de sociedade tradicional ágrafa, como forma de pensar o impacto da escrita sobre essa sociedade. A opção por estudos realizados de forma comparativa, traçando oposições entre oralidades e escrita, resultou muitas vezes, em uma forte tensão e polarização na forma de abordagem. Esses estudos buscavam identificar as consequências da introdução da escrita, especialmente a escrita alfabética, sobre sociedades de tradição oral.

Nessa mesma direção, SOARES (2001) afirma que “do ponto de vista sociológico, em qualquer sociedade, são várias e diversas as atividades que assumem determinados papéis na vida de cada grupo e de cada indivíduo” (p.80). E acrescenta,

Assim, pessoas que ocupam lugares sociais diferentes e têm atividades e estilos de vida associados a esses lugares enfrentam demandas funcionais completamente diferentes: sexo, idade, residência rural ou urbana e etnia são, entre outros, fatores que podem determinar a natureza do comportamento letrado (SOARES, 2001, p.80).

A autora demonstra uma expectativa positiva em relação a abordagem histórica, sociológica e antropológica dos fenômenos da alfabetização e letramento. Tais abordagens permitiram apreender, em determinado contexto, o lugar que a leitura e a escrita ocupam nas relações ali estabelecidas. Estudos realizados por Soares (2001); Ribeiro(1999); Batista e Galvão (2004) e Galvão (2001; 2007) chamam a atenção para

diferentes formas de se relacionar com a escrita, como exemplifica Galvão(2001) sobre leitores/ouvintes de cordel.

As expectativas relacionadas à escrita podem ou não se concretizar, pois dependem dos usos que indivíduos e grupos de indivíduos fazem dela. Conforme afirma RIBEIRO (1999, p.39), é necessário considerar que “os usos da linguagem escrita podem ter funções e significados distintos para pessoas e grupos e seus efeitos psicossociais dependem sempre do modo como tais usos se inserem em padrões culturais mais amplos”.

Evidencia-se, desse modo, uma tendência de se buscar descrever e analisar diferentes modos de inserção e de participação na cultura escrita, de modo a compreender a inter-relação entre oralidade e escrita e explicar que além dos efeitos que a escrita desencadeia há os usos que diferentes indivíduos e grupos fazem da escrita.

Essa mudança de foco tem se manifestado na diversidade de estudos que atualmente se ocupam da descrição dos modos de uso da cultura escrita, das formas de inserção de sujeitos, familiares e grupos sociais nas culturas do escrito. Tal esforço é feito tomando o contexto social de uso da escrita e o que ele informa sobre essas práticas. (GALVÃO, 2007; BATISTA; GALVÃO, 2005).

Portanto, a cultura escrita abrange múltiplos segmentos da vida dos sujeitos e atravessa experiências no campo político, social, cultural religioso e econômico. O escrito nessa direção ressignifica e possibilita novas significações, agencia e é agenciada no contexto. “Considerando que as oralidades são afetadas pela escrita e interagem com ela de diversas maneiras” (FERREIRA, 2016).

Frente ao abordado é possível reconhecer que a escrita ocupou um lugar de muita importância na utilização de uma língua, e por ser externa ao ser humano a cultura do escrito demarca posições sociais e categoriza importâncias sociais. Falamos muito e damos muita importância para a escrita. A escrita tem supremacia e grande valor. Criamos grau de importância e não harmonizamos a importância do oral e do escrito. Um povo ágrafo é visto como inferior.

Os estudiosos citados, no escopo do texto, ao desestabilizarem a importância da escrita, certamente, não estavam se referindo aos ágrafos, mas as consequências que esta população sofre mediante a importância que a modernidade deu para a escrita, eles ganham destaque e retratam muito bem as repercussões psicossociais, políticas, econômicas entre os que não a dominam.

Em convivências com populações primárias, em destaque cito Laje do Sapato é muito comum ouvir nas suas falas queixas de desconfianças nos acordos ou negociações do cotidiano, a exemplo:

“Eu dei minha palavra”, mas “o que vale é o que está escrito”. Fica explicitado que se torna fácil silenciar e invisibilizar a população primária frente ao poder da escrita.

## 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O contexto da comunicação de oral na comunidade de Laje do sapato denuncia que há paradoxo na fala humana, de maneira que, ao mesmo tempo, que é banal e rotineira, há um descompasso entre o que se pretende dizer, com base na língua e na lógica, e aquilo que é normatizado e dito numa sociedade que usa as convenções. Ao lado dessa diferença forjada pela história dos seus moradores, é possível encontrar uma outra. Trata-se do gesto que a separa, em tudo que foi dito, o efêmero do durável. Nessas relações sociais instauram uma espécie de distinção entre os discursos que se dizem no correr dos dias e das trocas, e que passam com o ato mesmo de quem os pronunciou. É recorrente perceber que o que (Foucault 2000) diz: os discursos que são ditos, permanecem ditos e ainda estão por dizer. Destacando também que nem todos dizeres tem o mesmo valor, pois alguns são esquecidos quase no mesmo instante de ser proferido, outros continuam a se fazer ouvir por outras vozes e outros tempos e lugares.

Analisar apropriadamente a produção de sentidos entre fala e escrita impõe uma mudança de terreno, é imprescindível uma atitude materializada que reconheça o efeito das relações sociais que resultam de relações de classe características de uma referida formação social.

## REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CALVET. L. J. **As políticas linguísticas**. São Paulo: Parábola Editorial: IPOL, 2007.

\_\_\_\_\_. **Tradição oral & tradição escrita**. São Paulo: Parábola Editorial: 2011.

BATISTA, Antônio Augusto Gomes; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **Práticas de leitura, impressos, letamentos: uma introdução**. In: GALVÃO, Ana Maria de Oliveira; BATISTA, Antônio Augusto Gomes (Org.). **Leitura: práticas, impressos, letamentos**. 2. ed., 1. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

BATISTA, Antônio Augusto Gomes; GALVÃO, Ana Maria. **Entrando na cultura escrita: percursos individuais, familiares e sociais nos séculos XIX e XX**. Belo Horizonte, 2004. (Projeto de pesquisa).

DERRIDA, Jacques. **Gramatologia**. São Paulo, Perspectiva, 1973.

\_\_\_\_\_. **A escritura e a diferença**. São Paulo, Perspectiva, 2002.

DERRIDA, Jacques; ROUDINESCO, Elisabeth. **De que amanhã...** Rio de Janeiro, Zahar, 2004.

FERREIRA, Maria Raquel Dias Sales. **Mulheres quilombolas e culturas do escrito: vóz e letra na comunidade quilombola de Mato de Tição**. 2016. Programa de Dissertação (mestrado em Educação e inclusão social, Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de educação, 2016).

FIORIN, José Luiz; FLORES, Valdir do Nascimento e BARBISAN, Leci Borges (orgs). **Saussure: a invenção da Linguística**. São Paulo: Contexto, 2013. 174p.

BARBISAN, Leci Borges (Orgs.). **Saussure: a invenção da linguística**. São Paulo: Contexto, 2019, 1ªed.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **Cordel: leitores e ouvintes**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

\_\_\_\_\_. Leitura: algo que se transmite entre gerações? In: RIBEIRO, Vera Masagão (Org.). **Letramento no Brasil: reflexões a partir do INAF 2001**. Campinas, São Paulo: Global, 2003. p.125-153.

\_\_\_\_\_. "História" oral e processos de inserção na cultura escrita. **Educação em questão**, Natal, v.25, n.11, p. 206-223, jan./abr. 2006.

\_\_\_\_\_. BATISTA, Antônio Augusto Gomes. Oralidade e escrita: uma revisão. **Cadernos de Pesquisa**. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, v.36, n.128, p.403-432, mai/ago. 2006.

\_\_\_\_\_. GALVÃO, Ana Maria de Oliveira *et al* (Orgs.). **História da da cultura escrita: séculos XIX e XX**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. p.9-46.

GNERRE, M. **Linguagem, escrita e poder**. São Paulo: Martins Fontes, 1985.

## SOBRE A ORGANIZADORA

**Teresa** Margarida Loureiro **Cardoso** é licenciada em Línguas e Literaturas Modernas, variante de Estudos Franceses e Ingleses, Ramo de Formação Educacional, pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (2001). É Doutora em Didática pelo Departamento de Didática e Tecnologia Educativa (atual Departamento de Educação e Psicologia) da Universidade de Aveiro (2007). É Professora-Docente no Departamento de Educação e Ensino a Distância (anterior Departamento de Ciências da Educação) da Universidade Aberta, Portugal (desde 2007), lecionando em cursos de graduação e pós-graduação (Licenciatura em Educação, Mestrado em Gestão da Informação e Bibliotecas Escolares, Mestrado em Pedagogia do Elearning, Doutoramento em Educação a Distância e Elearning), e orientando-supervisionando cientificamente dissertações de mestrado, teses de doutoramento e estudos de pós-doutoramento. É investigadora-pesquisadora no LE@D, Laboratório de Educação a Distância e E-learning, cuja coordenação científica assumiu (2015-2018) e onde tem vindo a participar em projetos e outras iniciativas, nacionais e internacionais, sendo membro da direção editorial da RE@D, Revista Educação a Distância e Elearning. É ainda membro da SPCE, Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação, e membro fundador da respetiva Secção de Educação a Distância (SEAD-SPCE). É igualmente membro da SOPCOM, Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação. Pertence ao Grupo de Missão “Competências Digitais, Qualificação e Empregabilidade” da APDSI, Associação para a Promoção e Desenvolvimento da Sociedade da Informação, é formadora creditada pelo Conselho Científico-Pedagógico da Formação Contínua do Ministério da Educação, autora e editora de publicações, e integra comissões científicas e editoriais.

<http://lattes.cnpq.br/0882869026352991>

<https://orcid.org/0000-0002-7918-2358>

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Adaptación 15, 58, 76, 77, 79, 80, 81, 85, 86  
Adults learn to read 16  
Aprendizaje a distancia 77  
Aprendizaje creativo 56  
Arithmetic-algebraic thinking 120, 121, 124, 134  
Autism 16, 20, 21  
Autocrítica 88, 96  
Autoevaluación 62, 74, 87, 88, 89, 92, 93, 94, 95, 96

### B

Bilingual schools 109, 110, 111, 112, 113, 117

### C

Calidad educativa 1  
Cohorte 99, 101, 102, 103, 105  
Competências de Literacia da Informação 43, 44, 45  
Crisis sanitaria 99, 100, 103  
Cultura digital 29, 31, 32, 33, 37  
Cultura do escrito 149, 150, 151, 152, 153, 156, 157, 159

### D

Dyslexia 16, 20

### E

Educação Aberta 43, 44, 45, 46, 50, 54  
Educação digital 29, 47  
Educación Matemática 66, 75  
Educación virtual 77, 78, 79, 85, 86, 107  
Education 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 30, 42, 44, 46, 54, 55, 57, 60, 61, 65, 67, 77, 88, 107, 109, 110, 111, 113, 116, 117, 118, 119, 120, 134, 135, 136, 163  
Enseñanza 2, 3, 5, 6, 8, 10, 11, 13, 14, 15, 25, 26, 27, 56, 57, 58, 60, 61, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 75, 76, 77, 78, 79, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 95, 98, 100, 107, 162, 163, 164  
Ensino de matemática 138, 140, 142, 148

Escrita 38, 79, 80, 95, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 166

## F

Fala 149, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 160

Formación académica 1, 2

Formación integral 1, 3, 5, 11, 12, 80

## G

Gamificación 56, 58, 60, 61, 64, 65

Gradual generalization 120, 123

Gurungueiros 149, 150, 151, 152

## H

Hearing and language 16

## I

Innovación 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 22, 25, 26, 56, 57, 60, 62, 65, 87, 88, 97

Innovación educativa 1, 3, 4, 5, 7, 9, 10, 11, 14, 60, 65

Innovación pedagógica 87, 88

Innovation 1, 2, 13, 14, 15, 16, 19, 20, 29, 30, 44, 61, 65, 88

Inovação Pedagógica 43, 44, 53, 54

Interdisciplinaridade 138, 140, 141, 142, 143, 144, 147, 148

Israel 109, 110, 111, 118

## J

Juegos de escape 56, 58, 59, 60, 61, 63, 64, 65

## L

Literacy 16, 17, 18, 19, 20, 21, 44

Literacy principles 16

## M

Materiales didácticos 66, 67, 68, 70

Metodologías educativas 1

Métodos de aprendizaje 88

Modelos híbridos de enseñanza 56, 58, 60, 61, 64

Multiculturalism 109, 111, 113, 115, 116, 117

## N

Narrativas docentes 162

## O

Otimização 138, 142, 144, 145, 148

## P

Practicas pedagógicas 162

PROATEC 29, 30, 32, 37, 38, 40, 41

Project-based learning (PBL) 109

## R

Rede Académica Internacional WEIWER® 43, 44, 54

Rede de Bibliotecas Escolares 43, 44, 45, 54, 55

Reflexión 63, 66, 67, 80, 88, 89, 92, 96, 98, 135

Reprobación 99, 101, 102, 104, 105, 106, 107, 108

Rezago 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108

Rezago educativo 99, 100, 101, 103, 107, 108

## S

Saber docente 88

Situação-problema 138

Socio-cultural approach 120, 121, 130

## T

Therapeutic pedagogy 16

TIC 8, 9, 10, 12, 13, 14, 15, 61, 66, 67, 69, 70, 74, 75, 86, 144